

**TORMENTA**



THAÍS OYAMA

# Tormenta

*O governo Bolsonaro: Crises, intrigas  
e segredos*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2020 by Thaís Oyama

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*

Daniel Marengo

*Assessoria jurídica*

Taís Gasparian — Rodrigues Barbosa, Mac Dowell de Figueiredo, Gasparian, Advogados

*Preparação*

Maria Emília Bender

*Checagem*

Érico Melo

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Isabel Cury

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Oyama, Thaís

Tormenta : O governo Bolsonaro: Crises, intrigas e segredos /  
Thaís Oyama — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

ISBN 978-85-359-3315-4

1. Bolsonaro, Jair Messias, 1955- 2. Brasil — História 3. Brasil  
— Política e governo 4. Brasil — Presidentes 5. História política  
6. Jornalismo político 7. Presidentes — Brasil . I. Título.

19-32212

CDD-320.981

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Presidentes da República : Brasil : História política 320.981

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Ao meu pai, Carlos Oyama (in memoriam)*



# Sumário

Prólogo.....	9
O capitão e os generais .....	19
A bancada do Jair .....	47
Paranoias, ideias fixas, medos e outros tormentos .....	71
Zero Dois.....	89
O governo estremece .....	119
Presidente das pequenas coisas .....	139
Tchutchuca é a mãe .....	157
O inimigo das árvores .....	175
Bolsonaro contra a Lava Toga.....	189
Traições .....	211
<i>Notas</i> .....	241
<i>Agradecimentos</i> .....	247
<i>Créditos das imagens</i> .....	249
<i>Índice remissivo</i> .....	251





## Prólogo

No plenário da Câmara Federal, dois deputados conversam em voz baixa, sentados numa das últimas fileiras. É o começo da legislatura de 2015 e é a primeira vez que os amigos Jair Bolsonaro e Alberto Fraga se encontram desde o fim do recesso parlamentar. Fraga é um ex-coronel da Polícia Militar em seu quarto mandato na Câmara. Bolsonaro é ex-capitão do Exército e está há 25 anos na Casa. Ambos integram o conhecido “baixo clero”, a periferia do Congresso, formada por deputados de partidos nanicos, sem influência ou projetos relevantes no currículo e desprezados pelas lideranças parlamentares, que só lembram deles se precisam de quórum numa votação. Bolsonaro e Fraga se conhecem desde os anos 1980, quando cursavam a Escola de Educação Física do Exército.

Às vezes o ex-capitão chama o amigo de Pancrácio, nome de uma modalidade de luta da Grécia Antiga em que um contendor só era declarado vitorioso quando o outro já

estava quase morto. Fraga ganhou o apelido depois de afundar o nariz de um adversário numa luta de boxe na escola militar — tinha 26 anos e a força de um mamute. Naquele começo de 2015, o ex-pugilista contava 58 anos e muitos quilos a mais. Bolsonaro estava prestes a completar sessenta e seguia em forma física razoável. Com o olhar voltado para a mesa diretora — presidida por Eduardo Cunha, que abria a sessão —, Fraga puxou o assunto.

“Tô cansado disso aqui, vou tentar uma majoritária.”

“Eu também.”

Fraga continuou: “O Senado tá garantido pra mim, mas vou tentar o governo”.

“Eu vou tentar a Presidência da República.”

Fraga virou-se para o amigo pela primeira vez: “Cê tá louco?”.

“Eu vou, Fraga.”

Bolsonaro se ajeitou na cadeira e explicou: “Eu que não aguento mais isso aqui. Tenho sete mandatos, pô”.

Fraga calou-se por um instante. Depois retomou a conversa em tom paternal: “Bolsonaro, nós dois somos caras polêmicos. Se a gente ficar sem mandato, a gente vai ficar no sal. Nego vai moer a gente de processo”.

“Tô nem aí.”

“Por que você não tenta o Senado e daqui a quatro anos sai para a Presidência?”

“Não, Pancrácio, tem que ser agora. Se eu fizer 10% dos votos, tô satisfeito.”

No primeiro trimestre de 2015, nenhum analista político apostaria na hipótese de 10% dos brasileiros votarem no deputado Jair Messias Bolsonaro para presidente da Re-

pública. Mais do que um deputado do baixo clero, ele era um representante daquilo que os jornalistas de Brasília apelidaram de cota folclórica do Congresso — parlamentares que costumam despertar a atenção pelo histrionismo, pelos arroubos verbais no plenário e pelas confusões em que se metem.

Desde que chegou à Câmara, aos 35 anos, até seu último dia de mandato, aos 63, Bolsonaro se limitou a apresentar, quase sempre como coautor, emendas de interesse dos militares, propostas jamais aprovadas para a área de segurança e ideias que foram direto para o anedotário do Legislativo, como o projeto de castração química de estuadores, a obrigatoriedade de civis cantarem o Hino Nacional com a mão no peito e a inclusão do nome de um dos seus ídolos confessos, o falecido Enéas Carneiro, no Livro dos Heróis da Pátria.

Durante todo esse tempo, o deputado ocupou o gabinete 482 do desprezado Anexo 3 — pela precariedade de suas instalações, também conhecido como “Carandiru”. Com salas diminutas e sem banheiro privativo, os titulares precisam compartilhar com colegas e assessores os sanitários coletivos dos corredores. O prédio que abriga o Anexo 3 fica distante do Salão Verde, a mais nobre das áreas de circulação da Câmara. Próximo do Salão Verde estão os gabinetes do presidente da Casa, das lideranças e dos deputados mais prestigiados. Os notáveis, quando se dirigem ao plenário, caminham sempre apressados, ou pelo menos simulam pressa, seguidos por um cortejo de assessores e jornalistas. Já Bolsonaro ninguém seguia. O parlamentar era visto na maior parte do tempo sozinho ou na companhia

do caçula dos três filhos do primeiro casamento, o também deputado federal Eduardo Bolsonaro. Em qualquer situação, não tirava os dedos do celular.

Era o dia 17 de abril de 2016. A Câmara se preparava para queimar Dilma Rousseff na fogueira do impeachment. A primeira brasa havia sido acesa quatro meses antes, quando o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, aceitara a denúncia por crime de responsabilidade oferecida contra a sucessora de Lula pelo ex-petista e procurador de Justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal. Bolsonaro e o amigo Fraga estão mais uma vez juntos no plenário, agora de pé, espremidos entre colegas que se preparam para a votação que irá selar o destino de Dilma.

“Pancrácio, olha aqui o que é que eu vou falar.”

Bolsonaro estende para o colega uma folha de papel com um texto escrito à mão. Fraga passa os olhos pela página.

“Isso aí vai dar problema.”

“Foda-se, foda-se.”

Bolsonaro dobra o papel e o guarda no bolso do paletó. Escrevera: “Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim”.

A poucos quilômetros dali, no Palácio da Alvorada,

Dilma Rousseff assistia à votação do impeachment pela tv, em companhia de assessores. No momento em que Bolsonaro declarou o voto e a presidente ouviu o nome de Ustra — ex-chefe do DOI-Codi na época da ditadura, torturador catalogado e condenado pela Justiça —, um silêncio se fez na sala. Dilma apertou as mãos nos braços da cadeira e se levantou. Caminhou até um corredor que dava para a saída da sala e parou ao lado de uma estante. Os presentes se entreolharam, ninguém disse nada. Ela estava nitidamente abalada. Conheceu Ustra, embora não tenha sido torturada por ele nem a seu mando. Encontrou-o pela primeira vez quando estava prestes a sair da cadeia. “O Ustra já era o Ustra. Já tinha matado gente. Ele me disse: ‘Se você voltar, você vai morrer com a boca cheia de formiga’. Portanto, eu sei bem quem ele é”, disse Dilma, em entrevista dada dias depois da votação na Câmara.

Bolsonaro não havia preparado nenhum texto para a votação. Pretendia apenas dizer “sim” à proposta de impeachment. No decorrer da sessão, porém, deputados aliados e contrários à presidente passaram a “dedicar” seus votos a parentes, políticos e personalidades históricas. Do grupo pró-Dilma houve homenagens a Luís Carlos Prestes, Carlos Lamarca, Rubens Paiva, Darcy Ribeiro, Carlos Marighella e Zumbi dos Palmares.

“Aquele negócio foi inflamando ele”, lembra Fraga. “O pior foi o Marighella.” O comunista Carlos Marighella, o “inimigo número 1” do regime militar pós-68, foi o criador do grupo armado Ação Libertadora Nacional (ALN), que, entre outras ações terroristas, sequestrou, em 1969, junto com o MR-8, o embaixador americano Charles Elbrick.

A citação de Bolsonaro ao coronel Ustra lhe rendeu uma denúncia do Ministério Público por incitação à tortura, além de uma cusparada do colega Jean Wyllys, do PSOL, defensor de causas LGBT e com quem Bolsonaro vivia às turras. “[Ustra] é um herói brasileiro”, insistiu o ex-capitão na época.

“As pessoas no Congresso achavam que o Bolsonaro era doidão”, diz o amigo Fraga.

A imagem que o deputado tinha perante seus pares ficou nítida em fevereiro de 2017. Naquele mês, Bolsonaro se candidatou pela terceira vez à presidência da Câmara e ficou em último lugar. De 512 deputados, apenas quatro votaram nele (além do próprio voto, teve o de Fraga, do Delegado Waldir e do Major Olímpio). Ninguém no Congresso o levava a sério.

No dia 6 de novembro de 2018, Jair Bolsonaro embarcou no Rio em um jato da FAB rumo a Brasília, com uma comitiva de doze pessoas. Era sua primeira viagem como presidente eleito da República do Brasil. Do hangar da Base Aérea de Brasília, seguiu direto para o Congresso. Na trajetória pelo Eixo Monumental, foi precedido por batedores da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros e por carros da Polícia Federal. Ao chegar ao Congresso — acompanhado dos filhos Flávio e Eduardo, dos futuros ministros Paulo Guedes e general Augusto Heleno, além do vice, Hamilton Mourão —, tomou o elevador privativo e foi para o gabinete do presidente do Senado, Eunício Oliveira, onde já o esperava o presidente da Câmara, Rodrigo Maia. Depois de uma

reunião breve, seguiu em direção ao plenário para a sessão solene que celebrava o trigésimo aniversário da Constituição. No Salão Verde, deparou-se com um tapete vermelho ladeado por uma aglomeração de curiosos, jornalistas, policiais legislativos e federais à paisana. Fotógrafos se acotovelvavam para registrar sua passagem, eleitores gritavam seu nome. Representantes dos Três Poderes o esperavam no plenário. Além de Rodrigo Maia e Eunício Oliveira, que correram para não chegar depois dele, estavam lá o presidente da República, Michel Temer, e o presidente do Supremo Tribunal Federal, Antonio Dias Toffoli.

Da mesa da sessão solene, o ex-capitão, à vontade, acentava para os colegas, ria e levantava os polegares em gesto de positivo. Terminada a cerimônia, uma fila de parlamentares se formou para cumprimentá-lo. Todos queriam selfies com ele.

No dia seguinte, vestindo o mesmo terno e a mesma gravata da véspera, Bolsonaro tomou café com o comando da Aeronáutica e visitou o Supremo Tribunal Federal. O último programa do dia era uma visita a Temer no Palácio do Planalto.

O ex-capitão foi recebido no gabinete presidencial, no terceiro andar, e saudou o presidente com uma continência. Temer sorriu, estendeu-lhe a mão e sentou numa poltrona. Indicou um sofá para seu sucessor, que ocupou a ponta; o general Heleno ficou no meio e o deputado Onyx Lorenzoni na outra extremidade. Sempre formal, Temer cumprimentou o presidente eleito pela vitória e os dois posaram para fotos. Em dado momento, pediu a um auxiliar que lhe trouxesse “as chaves”.

O funcionário voltou segundos depois com uma caixa forrada de veludo azul e a passou ao chefe. Temer levantou-se e aguardou seu convidado fazer o mesmo. Ao erguer-se, Bolsonaro fez um esgar de dor — dois meses antes havia passado pela segunda cirurgia depois da facada de que fora vítima durante a campanha eleitoral.

Temer entregou ao ex-capitão o que, simbolicamente, seriam as “chaves da transição” — na prática, um molho para abrir as portas do prédio do Centro Cultural Banco do Brasil, onde até a data da posse, em janeiro, funcionaria o escritório do presidente eleito. Em seguida, guiou-o por um passeio pelo terceiro andar e mostrou-lhe seus novos domínios: as salas de apoio, as salas de reunião, a sala de almoço.

Terminado o tour, o grupo desceu para o Salão Leste, ao lado do Salão Nobre, o amplo espaço de paredes envidraçadas projetado por Oscar Niemeyer, interrompido em sua imensidão e vazio por uma rampa em caracol. Temer havia mandado caprichar na produção. Ao chegar lá, Bolsonaro deu com vinte guardas postados e paramentados para recebê-lo. Dez eram do Batalhão da Guarda Presidencial e outros dez do Regimento de Cavalaria de Guardas. Perfilados frente a frente, bateram continência para o novo presidente, que atravessou o corredor de honra com os braços duros e rentes ao corpo. Ele alternava o olhar fixo no horizonte com rápidos e nervosos movimentos dos olhos para os lados. Ao fim do corredor havia dois púlpitos, um para Temer e outro para seu sucessor, cada um com uma bandeira do Brasil e o brasão da República. Temer, fazendo uma medida com a mão direita e curvando ligeiramente o tronco, indicou o



lugar de Bolsonaro: “Excelentíssimo senhor presidente da República, por favor”, disse. Bolsonaro caminhou rígido na direção do púlpito e, quando se virou para a assistência, fotógrafos notaram que seu lábio inferior tremia incontrolavelmente.



# O capitão e os generais

Jair Bolsonaro subiu ao palco de Davos com o cenho franzido. Era o primeiro mandatário sul-americano que abria o Fórum Econômico Mundial. O evento, no dia 22 de janeiro, reuniu na cidade suíça setenta chefes de Estado e de governo e 3500 participantes, entre políticos tarimbados e membros da elite financeira global. De sobretudo de lã, apesar do ambiente superaquecido, o presidente brasileiro começou seu discurso com um improviso: “Confesso que estou emocionado e me sinto muito honrado em me dirigir a uma plateia tão seleta. [...] O Brasil precisa de vocês, e vocês, com toda certeza em parte, precisam do nosso querido Brasil. Boa tarde a todos”. O tique de apoiar-se de forma alternada numa e noutra perna denunciava seu nervosismo.

No fórum onde se constroem reputações, no ano anterior Emmanuel Macron havia falado por 45 minutos; Donald Trump, por 25 minutos; Temer, por vinte minutos. O presidente brasileiro preferiu adotar o ritmo do Twitter: seu

discurso durou pouco mais de seis minutos. Em sua fala, Bolsonaro prometeu arejar o ambiente de negócios no Brasil, além de “resgatar nossos valores” e “defender a família”. Ainda ressaltou as “belezas naturais” do país e convidou os presentes a visitá-lo. Não entusiasmou — suas palavras foram consideradas anticlimáticas e provincianas. A entrevista com Klaus Schwab, na sequência, tampouco conseguiu levantar a plateia. Bolsonaro respondeu às perguntas do fundador e presidente do fórum com frases monossilábicas, a ponto de o anfitrião ter de encerrar em quinze minutos um evento programado para durar meia hora.

Naquela noite, o jantar tradicionalmente oferecido por Schwab homenageava o presidente brasileiro. Compareceram ao evento oitenta pessoas, entre chefes de Estado e CEOs das maiores empresas do mundo. O ex-secretário de Estado americano John Kerry levou dois seguranças; o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, chegou sozinho. Assim, chamou a atenção o tamanho do entourage de Bolsonaro na entrada do restaurante do hotel Morosani Schweizerhof. Além dos ministros Paulo Guedes e Ernesto Araújo, acompanhavam o presidente seu filho Eduardo Bolsonaro; o assessor da Presidência para assuntos internacionais, Filipe Martins; o chefe do cerimonial do Planalto, Carlos Alberto Franco França; seis seguranças; um ajudante de ordens e até o médico do Planalto, Ricardo Peixoto Camarinha. Na tentativa de furar a barreira, o médico levantava o dedo indicador e dizia: “I am the doctor!”. Teve de ficar do lado de fora do restaurante, assim como Eduardo Bolsonaro — os convites eram restritos.

Os convidados foram acomodados em pequenas me-